

O ensino e a “dovinização” da psicanálise¹

Guilherme Henderson

Resumo

O artigo analisa o ensino da psicanálise a partir de dois momentos decisivos da obra de Jacques Lacan: “A psicanálise e seu ensino” (1957) e “Meu ensino, sua natureza e seus fins” (1968). A partir desses textos, investiga-se o modo como Lacan articula o que a psicanálise ensina e sob quais condições esse ensino pode sustentar-se. O trabalho situa essas formulações no contexto contemporâneo da transmissão psicanalítica, marcado pela proliferação de cursos, dispositivos formativos e pela crescente exposição de psicanalistas nas redes sociais, frequentemente orientados por uma lógica de consumo e visibilidade. Nesse cenário, propõe-se o neologismo “dovinização”, para nomear o processo de higienização teórica que elimina a negatividade própria da experiência do inconsciente, transformando o saber psicanalítico em mercadoria cultural. Defende-se, por fim, que a formação analítica não se reduz à capacitação técnica ou à difusão de conteúdos, mas se sustenta no estilo, entendido como resíduo singular da análise pessoal, capaz de preservar o caráter subversivo da psicanálise.

Palavras-chave:

Ensino da psicanálise; Jacques Lacan; Estilo; Dovinização; Transmissão.

Psychoanalysis teaching and “dovinization”

Abstract

This article analyzes the teaching of psychoanalysis through two decisive moments in Jacques Lacan’s work: “Psychoanalysis and its teaching” (1957) and “My teaching, its nature and its ends” (1968). Drawing on these texts, the paper examines how Lacan articulates both what psychoanalysis teaches and the conditions

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Cartéis da Associação Lacaniana de Brasília (ALB), realizada em Brasília em novembro de 2025. Emprega-se aqui o neologismo “dovinização”, uma combinação que pretende ser bem-humorada entre o termo “divinização” e a marca de sabonete Dove. A ideia de submeter o ensino da psicanálise a um processo de limpeza, uma purificação simbólica, higienizante e divinizante, é discutida aqui.

under which such teaching can be sustained. These formulations are situated within the contemporary context of psychoanalytic transmission, characterized by the proliferation of courses, training devices, and the growing visibility of psychoanalysts on social media, often guided by logics of consumption and exposure. Within this framework, the article proposes the neologism “dovinization” to name the process of theoretical sanitization that removes the negativity inherent to the experience of the unconscious, converting psychoanalytic knowledge into a cultural commodity. Finally, it argues that analytic formation cannot be reduced to technical training or the dissemination of content, but is grounded in style, understood as the singular residue of personal analysis, capable of preserving the subversive character of psychoanalysis.

Keywords:

Psychoanalysis teaching; Jacques Lacan; Style; Dovinization; Transmission.

La enseñanza y la “dovinización” del psicoanálisis

Resumen

El artículo analiza la enseñanza del psicoanálisis a partir de dos momentos decisivos de la obra de Jacques Lacan: “El psicoanálisis y su enseñanza” (1957) y “Mi enseñanza, su naturaleza y sus fines” (1968). A partir de estos textos, se examina cómo Lacan articula tanto aquello que el psicoanálisis enseña como las condiciones bajo las cuales dicha enseñanza puede sostenerse. Estas formulaciones se sitúan en el contexto contemporáneo de la transmisión psicoanalítica, caracterizado por la proliferación de cursos, dispositivos de formación y por la creciente visibilidad de los psicoanalistas en las redes sociales, frecuentemente orientada por lógicas de consumo y exposición. En este marco, el artículo propone el neologismo “dovinización” para nombrar el proceso de higienización teórica que elimina la negatividad propia de la experiencia del inconsciente, transformando el saber psicoanalítico en una mercancía cultural. Finalmente, se sostiene que la formación analítica no se reduce a la capacitación técnica ni a la difusión de contenidos, sino que se funda en el estilo, entendido como el residuo singular del análisis personal, capaz de preservar el carácter subversivo del psicoanálisis.

Palabras clave:

Enseñanza del psicoanálisis; Jacques Lacan; Estilo; Dovinización; Transmisión.

L'enseignement et la « dovinisation » de la psychanalyse

Résumé

Cet article analyse l'enseignement de la psychanalyse à partir de deux moments décisifs de l'œuvre de Jacques Lacan : « La psychanalyse et son enseignement » (1957) et « Mon enseignement, sa nature et ses fins » (1968). À partir de ces textes, l'étude examine la manière dont Lacan articule à la fois ce que la psychanalyse enseigne et les conditions sous lesquelles cet enseignement peut se soutenir. Ces élaborations sont situées dans le contexte contemporain de la transmission psychanalytique, marqué par la prolifération de formations, de dispositifs pédagogiques et par la visibilité croissante des psychanalystes sur les réseaux sociaux, souvent orientée par des logiques de consommation et d'exposition. Dans ce cadre, l'article propose le néologisme « dovinisation » pour nommer le processus d'hygiénisation théorique qui élimine la négativité propre à l'expérience de l'inconscient, transformant le savoir psychanalytique en marchandise culturelle. Enfin, il est soutenu que la formation analytique ne se réduit ni à une qualification technique ni à la diffusion de contenus, mais qu'elle se fonde sur le style, entendu comme le résidu singulier de l'analyse personnelle, capable de préserver le caractère subversif de la psychanalyse.

Mots-clés :

Enseignement de la psychanalyse ; Jacques Lacan ; Style ; Dovinisation ; Transmission.

Introdução

O presente trabalho se orienta a partir de dois textos de Jacques Lacan, separados por uma década: “A psicanálise e seu ensino” (1957) — inicialmente apresentado como comunicação na Sociedade Francesa de Filosofia e posteriormente publicado nos *Escritos* (1966) — e “Meu ensino, sua natureza e seus fins” (1968), conferência proferida em um colóquio destinado a residentes de psiquiatria. A escolha desses dois textos se justifica pelo lugar que ocupam na elaboração lacaniana acerca do problema do ensino da psicanálise, permitindo situar tanto o que a psicanálise ensina quanto as condições de possibilidade desse ensino.

O texto “A psicanálise e seu ensino” apresenta, logo no início, um argumento-resumo que fora distribuído ao auditório antes da fala de Lacan. Nele, aparecem duas formulações que constituem também o ponto de partida deste artigo: “A psicanálise, o que ela nos ensina...” e “E, no entanto, como ensiná-lo?”. Antes de retomar as respostas que Lacan elabora com base nessas questões, torna-se necessário situar, ainda que brevemente, o contexto mais amplo do ensino da psi-

canálise na atualidade, uma vez que se trata de um tema recorrente nos espaços institucionais e extrainstitucionais de formação.

Tradicionalmente, o ensino da psicanálise se encontra nas associações e escolas de psicanálise — lacanianas ou não — e nas sociedades de psicanálise vinculadas à Associação Psicanalítica Internacional (IPA, do inglês International Psychoanalytical Association). No interior das escolas lacanianas, esse ensino se realiza por meio de grupos de estudo, discussões de casos clínicos, espaços internos de debate, jornadas, além de análises e supervisões individuais, compondo diferentes dispositivos de formação.

Observa-se, contudo, a existência crescente de grupos de estudo e de supervisão autônomos, vinculados ou não a instituições formais, organizados por sujeitos que se reúnem para estudar psicanálise ou para serem supervisionados. Esses grupos apresentam estruturas diversas — ora mais verticais, ora mais horizontais —, valores igualmente variados e abordam uma ampla gama de temas: desde noções centrais da psicanálise, passando pela leitura de textos e seminários, até articulações com outros campos do saber, como a matemática, a topologia, a ciência, a poesia, a literatura e as artes em geral. Em todos esses espaços, encontra-se em operação algum modo de ensino da psicanálise.

Mais recentemente, tem-se observado o surgimento de um novo modelo de ensino, no qual psicanalistas, vinculados ou não a instituições, passam a ocupar espaços de visibilidade nas redes sociais, organizando *podcasts*, canais em plataformas digitais, páginas em redes sociais, grupos de mensagens e materiais didáticos virtuais. Esses profissionais circulam para encontrar aqueles a quem se dirigem — e aqui se impõe a pergunta: alunos, seguidores, estudantes, parceiros de trabalho, pares? —, frequentemente sustentados por um discurso que afirma oferecer uma nova visão da clínica, supostamente situada fora do *standard*. Não raras vezes, fazem de suas caixinhas de fósforo o púlpito a partir do qual acreditam ter descoberto algo inédito, ainda que o que enunciam já se encontre formulado em outros autores.

Muitos desses dispositivos de ensino se apresentam como introdutórios, o que se articula à proliferação de cursos de introdução à psicanálise disponíveis no mercado. Soma-se a isso a existência de graduações em psicanálise, que igualmente se propõem ensinar. O cenário, portanto, é vasto e heterogêneo. Aquele que inicia seus estudos em psicanálise se depara, em um primeiro momento, com uma verdadeira avalanche de possibilidades, ancorando-se onde encontra maior firmeza, não sem razão.

Diante desse contexto, este artigo busca oferecer, a partir de uma metáfora empregada por Lacan, algumas estacas — aquelas que amarram os barcos em um mar revolto de possíveis ensinamentos da psicanálise. Em “Meu ensino”, Lacan utiliza

essa imagem, ao afirmar que seus *Escritos* funcionariam como estacas para quem buscasse um ensino em psicanálise. Lacan não se furtou a ofertar estacas. Contudo, é preciso notar que as estacas que ele fornece carregam certo estilo — nada seguro. A metáfora se mostra ainda mais pertinente, se lembrarmos que é por meio delas que, tradicionalmente, matam-se vampiros. E há sujeitos que ensinam psicanálise como vampiros; que se utilizem, então, as estacas.

Em “A psicanálise e seu ensino”, é possível extrair certo programa de estudos fundamental e os meios pelos quais o psicanalista poderia ensiná-lo. À pergunta “A psicanálise, o que ela nos ensina?”, Lacan destaca três pontos fundamentais: (1) que, no inconsciente, isso fala; (2) que o caráter simbólico do sintoma não esgota a questão, restando uma interrogação quanto à causa dessa verdade; e (3) que a psicanálise opera uma crítica a qualquer ambientalismo ou adaptacionismo.

Ao longo do texto, Lacan desenvolve esses aspectos, indicando que um ensino da psicanálise deve incluir: o ensino do inconsciente e de suas manifestações; o destaque de sua estrutura de linguagem e escrita; a diferenciação em relação às concepções do senso comum e da ciência; o resgate da categoria de sujeito; e a sustentação de uma leitura simbólica do sintoma que não abdique da crítica ao “sentido natural”, às noções da psiquiatria biológica e às tentativas de adaptação do sujeito a uma suposta finalidade natural.

À questão “E, no entanto, como ensiná-lo?”, Lacan responde propondo três eixos: (1) o recurso à literatura em que essa contradição se denuncia, compondo uma “casuística útil”; (2) o esforço de formalização, condição para tornar a psicanálise acessível à comunidade científica; e (3) a posição do analista como lugar do Outro, em que a verdade se manifesta como meio-termo na busca revelada pelo inconsciente, devendo o analista sustentar esse lugar sem preenchê-lo.

O ensino da psicanálise não é um frenesi da teoria

Ao criticar concepções distorcidas em torno da interpretação, da transferência e da contratransferência, Lacan formula um alerta crucial sobre o ensino e a prática da psicanálise. Ele aponta que o “frenesi na teoria” — o excesso e a paixão desmedida por um saber teórico — constitui, na verdade, uma resistência do analista à própria psicanálise:

Esse frenesi na teoria evidencia pelo menos uma resistência da análise ao analista, a qual só podemos aconselhá-lo a levar em conta, para discernir o papel de sua própria resistência nas manifestações de seus analisados. E isso, rogando aos céus que sejam mais clementes para com este do que para com a análise, da qual ele pode dizer, nos dias atuais, como Antonio de sua amante: ela resistiu a mim, assassinei-a. (Lacan, 1957/1998b, p. 457)

Essa dinâmica pode ser observada em certas transmissões apaixonadas da psicanálise, nas quais a divergência é imediatamente lida como ataque pessoal. A lógica implícita torna-se, então: “se você não pensa como eu, você resiste a mim; logo, deve ser eliminado”. Há casos em que tamanha exclusão simbólica faz com que não reste mais ninguém reconhecido como psicanalista, evidenciando intollerância radical à crítica e à pluralidade. Lacan expressa a esperança de que tais profissionais não sejam tão cruéis e destrutivos em sua prática clínica quanto o são no campo do ensino.

O ensino em psicanálise não é unilateral — o analista pode ser ensinado pelo próprio analisante

Mesmo diante das deturpações e dos impasses da teoria, Lacan encerra “A psicanálise e seu ensino” com uma aposta no inconsciente. Ele a ilustra por meio da alusão à escrita enigmática da profecia bíblica — *Mené, Tequel e Parsin*: “Alguém diante de quem sempre se repete e, um ponto exato na muralha o fenômeno da inscrição das palavras ‘Mené, Thequel e Pharsin’, ainda que traçadas em caracteres cuneiformes, não pode ver nela indefinidamente apenas festões e astrágalos” (Lacan, 1957/1998a, p. 457).

Ainda que a leitura do inconsciente seja vacilante — como nos analistas que “leem” a borra do café, pois “ver na borra do café não é ler os hieróglifos” (Lacan, 1957/1998a) —, sempre surgem rastros e indicações que não são destituídos de sentido. O essencial é que haja leitura, ainda que sem plena consciência do que se faz. A aposta lacaniana é que o próprio inconsciente fornece os meios para a retificação dessa leitura:

Pois não faltam aí as pedras de Mariette para retificar sua leitura, ainda que seja nas “defesas”, que são patentes, sem precisar buscar além das verbalizações do sujeito. (...) Não poderá evitar que se destaque desse exercício de discernimento uma vida singular de intenções. (Lacan, 1957/1998b, p. 457)

As verbalizações do sujeito, suas defesas e repetições, funcionam como essas “pedras de Mariette”, permitindo que, do exercício atento de leitura, emergja a singularidade de suas intenções — o que acaba por orientar, inclusive, uma via de ensino e formação.

O ensino da psicanálise leva o psicanalista além da psicologia universitária

Lacan já não se refere apenas ao ensino formal institucional, mas àquele que se extrai da própria experiência clínica, quando o analista se deixa conduzir pela leitura do analisante. Esse movimento o lança a outro nível de problemas:

Ele será pois lançado, haja o que houver, no cerne daquelas perplexidades da orientação espiritual que foram elaboradas há séculos na via de uma exigência de verdade (...). E basta isso para fazer o psicanalista evoluir para uma região que a psicologia de faculdade jamais examinou, a não ser de binóculos. (Lacan, 1957/1998b, p. 457)

Aqui se estabelece uma diferença decisiva: enquanto a psicologia universitária observa o sujeito a distância, a posição ética do analista implica engajamento direto com o enigma do desejo e da verdade inconsciente. Trata-se de um campo de perplexidades éticas e existenciais que outrora pertencia à vida espiritual, mas que agora se sustenta sem ideal do bem ou referência a Outro divino. O ensino da psicanálise se faz também por esse efeito provocado pelos analisandos, que lançam o analista no cerne desses impasses, impossibilitando qualquer recuo.

Lacan acrescenta que o ensino nos institutos de sua época “não passa de um ensino profissional (...) louvável como o de uma escola de dentistas” (Lacan, 1957/1998b, p. 458). Ao reduzir a formação a um treinamento técnico e habilitante, esses institutos produzem profissionais, mas não analistas capazes de sustentar o alcance ético e teórico da psicanálise.

O ensino da psicanálise não é psicologismo superficial nem psicologia social

Lacan denuncia aqueles que se eximem de uma investigação rigorosa dos fundamentos psicanalíticos, preferindo uma paródia de crítica social ou um psicologismo raso:

É enigmático, primeiro, que alguém se julgue dispensado (...) de interrogar mais a fundo uma subestrutura tomada como análoga à produção (...) e que depois se proponha a tarefa de fazer tudo isso voltar ao bom caminho da dita psicologia. (Lacan, 1957/1998b, p. 458)

Essa superficialidade produz um efeito esterilizante, reduzindo a experiência analítica a uma funcionalidade social. Embora Lacan identifique o psicologismo como um flagelo, ele ressalta que essa deriva pertence mais à psicologia do que à psicanálise propriamente dita.

Essa tendência permanece reconhecível: uma crítica social aparentemente sofisticada pode coexistir com o abandono dos problemas centrais da psicanálise — o inconsciente, a leitura do sintoma, a linguagem. A “derivação esterilizante” consiste justamente nessa redução ao nível de uma psicologia social. Nesse ponto, o papel das instituições torna-se decisivo: não se trata apenas de pressões externas, mas de cumplicidades internas que favorecem ou não o psicologismo. O en-

sino lacaniano deve sustentar a crítica social a partir do que há de propriamente crítico na psicanálise.

A vida (via) do ensino é o estilo

Há aqui um ato falho (do autor) que não deve ser apagado: vida e via coincidem. O cerne da crítica de Lacan às instituições está na “conservação puramente formal de Freud”, que garante algo, mas se afasta de um ensino digno desse nome: “Não há (...) uma só balela proferida na mixórdia insípida que é a literatura analítica que não tome o cuidado de se apoiar numa referência ao texto de Freud” (Lacan, 1957/1998b, p. 459).

Freud teria apostado em uma transmissão em que o recalque é estrutural. Como não há recalque sem retorno, o ensino de Lacan pode ser lido como esse retorno — não a Freud, mas ao que foi recalcado na transmissão freudiana: “Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá (...) por uma via que se chama: um estilo” (Lacan, 1957/1998b, p. 460). O estilo, portanto, não é técnica nem competência acadêmica, mas o que pode vir a vivificar o que é mortificado por certa transmissão.

A dovinização da psicanálise: o ensino não é apolíneo

Em “Meu ensino” (1968), nota-se uma mudança decisiva no modo de Lacan ensinar: menos exposição, mais ato. Desde o início, ao aceitar falar em uma residência psiquiátrica, ele recusa a posição da “semeadora”: “Estar diante de vocês (...) eu teria a sensação de estar fazendo o gesto da semeadora. Eis por que gostaria que um certo número (...) se dispusesse à gentileza de me fazer uma pergunta” (Lacan, 1968/2006, p. 69). Lacan não quer apenas falar, mas responder. Seu ensino se faz intervenção, escolha calculada, não propaganda.

Lacan antecipa o risco de seu ensino ser absorvido pelo consumo comum. Ao ser “laminado”, perde-se o que há de mais verdadeiro e resistente na psicanálise: “O que ensino vai acabar entrando no consumo comum (...). Será um pouquinho mais laminado” (Lacan, 1968/2006, p. 73).

Essa crítica pode ser articulada à estética contemporânea da suavidade, do liso e do polido — marcas de um tempo que elimina a negatividade e a resistência. A psicanálise, para se tornar desejável, é higienizada, depilada, transformada em um corpo sem exterioridade: uma psicanálise apolínea, reduzida à superfície e à imagem. Parte da crítica ao chamado “lacanês” talvez encubra justamente esse movimento de dovinização. O neologismo — formulado de modo irônico a partir da junção entre “divinização” e a marca de sabonetes Dove — aponta para a tentativa de submeter o ensino da psicanálise a um processo de assepsia: uma limpeza simbólica, que o tornaria mais palatável, mais puro, mais higienizado e, no limite, divinizado.

Com isso, Lacan mostra-se incisivo, ao sustentar que o ensino da psicanálise não pode tornar-se um culturalismo limpo e generalizado, facilmente assimilável pelos circuitos de difusão do saber. Lacan antecipa o perigo do culturalismo totalizante, que homogeneiza e esvazia a potência do pensamento: “Um bom número de ideias está cada vez mais desprovido de arestas (...). Isso acaba por provocar uma espécie de náusea” (Lacan, 1968/2006, p. 73).

Ao falar da cultura e da mídia, ele introduz abruptamente a questão da merda. Esse deslocamento escatológico funciona como gesto pedagógico: rompe com qualquer leitura culturalizante, ao recolocar o corpo e seus restos como problema simbólico. O ser humano, diferente do animal, esconde sua merda — porque é um ser de linguagem.

O movimento cultural, então, é definido como máquina de homogeneização: “O movimento cultural tritura tudo até que se torne plenamente reduzido” (Lacan, 1968/2006, p. 79).

A psicanálise corre o risco de se comunicar com tudo — do trivial ao escândalo —, tornando-se mercadoria. Lacan, no entanto, ironiza esse destino: “Todos aceitam comer merda, mas nem sempre a mesma. Tento então arranjar uma nova” (Lacan, 1968/2006, p. 80). Aqui, a resistência não é moral, mas estrutural: trata-se de sustentar o ponto no qual o ensino não se deixa completamente digerir.

Conclusão

À luz da leitura articulada de “A psicanálise e seu ensino” (1957) e “Meu ensino, sua natureza e seus fins” (1968), este trabalho buscou interrogar o que se pode entender por ensino da psicanálise e sob quais condições ele pode sustentar-se na contemporaneidade. A partir do primeiro texto, foi possível circunscrever tanto o que a psicanálise ensina — a existência do inconsciente como estrutura de linguagem, a irredutibilidade da causa do sintoma e a crítica a todo adaptacionismo — quanto os meios de seu ensino, que implicam a casuística, a formalização e a posição ética do analista diante da falta no Outro. Ao confrontar esses pontos com as modalidades atuais de transmissão, marcadas pela proliferação de cursos, pela lógica do consumo e pela exposição nas redes sociais, introduziu-se a noção de “dovinizção”, para nomear o alisamento teórico que neutraliza a negatividade da experiência analítica, convertendo-a em saber apolíneo e mercadoria cultural. Em contraponto, a articulação com “Meu ensino” sustentou que um ensino digno desse nome não se reduz à capacitação profissional ou à difusão cultural da psicanálise, mas encontra sua via transmissível no estilo, entendido como o resíduo singular da análise pessoal do analista. Assim, conclui-se que somente um ensino que preserve essa dimensão pode manter viva a potência subversiva da psicanálise diante das exigências contemporâneas de produtividade e homogeneização do saber.

Não há como falar do ensino da psicanálise sem que se recorra à primeira pessoa — *meu ensino*. Nesse sentido, não seria possível encerrar este artigo sem assumir a primeira pessoa do singular e arriscar um breve relato de experiência, no qual se deixe entrever aquilo que, para mim, escreve-se como meu ensino da psicanálise.

Essa semana, eu estava dando aula na universidade sobre interpretação dos sonhos e, em determinado momento, passei a falar sobre o sonambulismo. Eu dizia, sem muito ter pensado nisso antes, que a cena do sonambulismo poderia ser interpretada como um conteúdo manifesto de um sonho. E, então, inventei um exemplo aparentemente aleatório, dizendo: “Se alguém for, por exemplo, ao quarto da irmã durante o sonambulismo — e não ao quarto dos pais —, isso é uma mensagem que já está se escrevendo de maneira disfarçada nessa manifestação.”

Como é comum eu fazer isso — e é mais forte do que eu mesmo —, acabei citando um exemplo da minha vida. Contei que, quando pré-adolescente, eu tinha um sonambulismo em que ia dormindo, durante a noite, até a geladeira e ficava comendo o ímã da geladeira. Minha mãe me contou isso depois. Um aluno me perguntou, então, depois que encerrei outras explicações: “Mas, professor, qual era a mensagem de você estar comendo o ímã da geladeira? Já levou isso para a análise?” Comentei que, mesmo após muitos anos, ainda não havia levado esse episódio para a minha análise pessoal. E ali, diante dos alunos, arrisquei pensar aquilo.

Disse a eles: “Vocês perceberam o primeiro exemplo que eu inventei para falar sobre esse tema? ‘Imagina se alguém vai andando, em seu sonambulismo, até o quarto da irmã.’ Acho que esse exemplo não foi tão aleatório assim. As minhas questões com a minha irmã têm se tornado, no último ano, uma das minhas grandes questões em análise. ‘Ímã’ não deixa de ser uma homofonia de ‘irmã’. Se eu contar para vocês que minha irmã sempre foi, para mim, um modelo de identificação — e que a gente constrói nosso ‘eu’ por identificação, ou, como dizia Freud, por incorporação. Nesse contexto, o gesto de estar comendo o ímã não deixa de fazer algum sentido...”

Esse é um exemplo do meu modo de ensinar a psicanálise, o meu “como”; tem algo aí do meu estilo que eu mesmo nem sabia. Ele me implica estudar a fundo os textos de Freud e de Lacan, desafia-me a responder a questões que eu nunca me coloquei, a confessar meus não saberes, a falar em nome próprio, a me arriscar a desnudar-me diante dos alunos, a transmitir aquilo que a minha análise pessoal me ensinou — a fim de fazê-los reconhecer que aquilo que falo não vem apenas da teoria, mas de uma experiência, de uma vida que me dá provas diárias da verdade da teoria. É algo que faço não sem angústia. Mas não podemos, com isso, pensar que o ensino da psicanálise, para alguns analistas, não deixa de ser a continuação da sua própria análise? Que não finda com a despedida do analista, mas permanece no encontro com seus pares ou futuros pares: seus alunos, seus analisandos, seus leitores.

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1998a). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998b). A psicanálise e seu ensino. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 438-464). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (2006). *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1968)

Recebido: 20/01/2026

Aprovado: 05/06/2026